



MOBILIDADE ACADÊMICA 2014

30 de novembro de 2014

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ N.º de Inscrição: _____

ÁREA III – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES I

Administração; Biblioteconomia; Ciências Econômicas; Ciências Contábeis e Turismo.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 10 questões de **Língua Portuguesa**, 10 de **História**, 10 de **Geografia** e 10 de **Matemática**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado assinar a lista de presença.
- 11 Após às 16h30min você pode solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto **Reféns da palavra**, de Luis Fernando Verissimo, para responder às questões de 01 a 10.

REFÉNS DA PALAVRA

01 No seu livro *Lessons of the Masters*, George Steiner lembra que nem Sócrates nem Jesus Cristo, que
02 ele chama de as duas figuras “pivotais” da nossa civilização (de pivôs, como no basquete ou nos crimes
03 passionais), deixaram qualquer coisa escrita. São mestres cujas lições sobreviveram no relato de outros,
04 Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus. Não existe nem evidência de que os dois
05 soubessem escrever. A única, enigmática referência da Bíblia a um Cristo escritor está em João 8:1-8,
06 quando, indagado pelos fariseus sobre o destino da mulher flagrada em adultério, Jesus finge que não ouve e
07 escreve algo no chão com o dedo – ninguém sabe o que ou em que língua. Existe até uma velha piada, que
08 Steiner cita, sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: “Ótimo professor, mas não
09 publicou.”

10 O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas.
11 Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa
12 aberta em cânone e lição em dogma. Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagou
13 em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.
14 Mas o maior defeito da escrita seria o de ter sabotado a memória como guia, roubando a sua função
15 civilizatória de “mãe das musas”.

16 Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um
17 mundo obscuro que só levava à danação, diferentemente do que se aprende “de cor”, ou com a linguagem do
18 coração. Homero, o inventor da literatura ocidental, era maior porque também nunca escrevera nada e suas
19 estrofes inaugurais tinham sido transmitidas oralmente, de coração em coração. Mas isto pode ser outro mito.
20 “Omeros” em grego, descobri agora, quer dizer refém. Homero, como o primeiro escritor do nosso mundo,
21 seria o primeiro prisioneiro da maldita palavra grafada.

22 Meu convívio forçado com o computador, sua conveniência, seus mistérios e seus perigos, me faz
23 pensar muito sobre a precariedade da palavra. Pois um pré-eletrônico como eu está sempre na iminência de
24 ver textos inteiros desaparecerem sem deixar vestígio na tela. O computador nos transforma todos em reféns
25 sem fuga possível da palavra e pode acabar, num segundo, com um dia inteiro de trabalho da pobre musa dos
26 cronistas em trânsito. Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.
27 Ao mesmo tempo, nos transformou na primeira geração na História que tem toda a memória do mundo ao
28 alcance dos seus dedos.

29 O computador resgata a memória como mestre da História ou, ao contrário, nos exige de ter memória
30 própria, e decreta o domínio definitivo da escrita sobre quem a pratica? Sei lá. É melhor acabar aqui antes que
31 este texto desapareça.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Diálogos impossíveis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 57-58.

1 No que diz respeito à tipologia, **Reféns da palavra** é um texto

- (A) narrativo.
- (B) descritivo.
- (C) dissertativo.
- (D) argumentativo.
- (E) injuntivo.

2 Em seu texto, Luis Fernando Verissimo

- (A) parte do princípio de que os acadêmicos devem publicar obras.
- (B) trata das vantagens e desvantagens da escrita.
- (C) defende que seja dada liberdade de expressão aos cronistas.
- (D) considera que os gêneros textuais orais eram preferidos pelos antigos.
- (E) afirma que sabedoria não tem nada a ver com habilidade para escrever.



- 3** No primeiro período do texto, sem que se altere o seu significado, a palavra *pivotaís* poderia ser substituída por
- (A) precursoras.
 - (B) cruciais.
 - (C) fundamentais.
 - (D) predominantes.
 - (E) importantes.
- 4** No trecho “Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa aberta em cânone e lição em dogma” (linhas 11 e 12), Verissimo expressa a opinião de que
- (A) a escrita é menos importante do que a oralidade.
 - (B) a oralidade é mais rica do que a escrita.
 - (C) é mais difícil compreender o texto escrito.
 - (D) o texto oral permite leituras diversas.
 - (E) a escrita restringe a criação do texto.
- 5** Em “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.”, entre os termos *coagulou* e *petrificou* há relação de
- (A) antonímia.
 - (B) homonímia.
 - (C) hiperonímia.
 - (D) paronímia.
 - (E) sinonímia.
- 6** As aspas foram empregadas por Verissimo para destacar uma palavra ou expressão usada fora de seu contexto habitual em
- (A) *pivotaís* (linha 02).
 - (B) Ótimo professor, mas não publicou (linhas 08 e 09).
 - (C) mãe das musas (linha 15).
 - (D) de cor (linha 17).
 - (E) Omeros (linha 20).
- 7** Na organização dos enunciados, a divisão em dois períodos **não** poderia ser evitada no trecho
- (A) “São mestres cujas lições sobreviveram no relato de outros, Platão no caso de Sócrates e os evangelistas no caso de Jesus. Não existe nem evidência de que os dois soubessem escrever.” (linhas 03 a 05)
 - (B) “O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas. Dois meios de organização e transmissão oral de memória que a escrita diminui, transformando narrativa aberta em cânone e lição em dogma.” (linhas 10 a 12)
 - (C) “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis. Mas o maior defeito da escrita seria o de ter sabotado a memória como guia, roubando a sua função civilizatória de ‘mãe das musas’.” (linhas 12 a 15)
 - (D) “Meu convívio forçado com o computador, sua conveniência, seus mistérios e seus perigos, me faz pensar muito sobre a precariedade da palavra. Pois um pré-eletrônico como eu está sempre na iminência de ver textos inteiros desaparecerem sem deixar vestígio na tela.” (linhas 22 a 24)
 - (E) “O computador nos transforma todos em reféns sem fuga possível da palavra e pode acabar, num segundo, com um dia inteiro de trabalho da pobre musa dos cronistas em trânsito. Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.” (linhas 24 a 26)



8 O trecho que contém exemplo de discurso direto é

- (A) “No seu livro *Lessons of the Masters*, George Steiner lembra que nem Sócrates nem Jesus Cristo, que ele chama de as duas figuras “pivotais” da nossa civilização (de pivôs, como no basquete ou nos crimes passionais), deixaram qualquer coisa escrita.” (linhas 01 a 03)
- (B) “A única, enigmática referência da Bíblia a um Cristo escritor está em João 8:1-8, quando, indagado pelos fariseus sobre o destino da mulher flagrada em adultério, Jesus finge que não ouve e escreve algo no chão com o dedo – ninguém sabe o que ou em que língua.” (linhas 05 a 07)
- (C) “Existe até uma velha piada, que Steiner cita, sobre um acadêmico moderno comentando o currículo de Jesus: ‘Ótimo professor, mas não publicou.’” (linhas 07 a 09)
- (D) “Nos diálogos de Platão o pensamento vivo de Sócrates já se coagulou em filosofia, nos textos bíblicos a verdade poética de Cristo se petrificou em verdades sagradas, irrecorríveis.” (linhas 12 e 13)
- (E) “Durante muito tempo, os gregos desconfiaram da palavra escrita como a linguagem cifrada de um mundo obscuro que só levava à danação, diferentemente do que se aprende “de cor”, ou com a linguagem do coração.” (linhas 16 a 18)

9 No trecho “Que, como se sabe, se chama Ritinha, é manicure e faz trabalho de musa como bico.” (linha 26), o autor

- (A) empregou as palavras na ordem inversa.
- (B) expressou ironia.
- (C) usou termos em sentido conotativo.
- (D) empregou a colocação pronominal errada.
- (E) utilizou linguagem coloquial.

10 Entre os enunciados do trecho “O legado literário de Sócrates, via Platão, é em forma de mitos, o de Jesus, em forma de parábolas.” (linha 10), reconhece-se uma relação

- (A) adversativa.
- (B) conclusiva.
- (C) explicativa.
- (D) aditiva.
- (E) alternativa.



HISTÓRIA

11 Leia atentamente o trecho abaixo sobre o tempo histórico e o calendário e responda à questão proposta.

“O calendário, objeto científico, é também objeto cultural. Ligado às crenças além de observações astronômicas (as quais dependem mais das primeiras do que do contrário), e não obstante a laicização de muitas sociedades, ele é, manifestadamente, um objeto religioso. Mas enquanto organizador do quadro temporal, diretor da vida pública e cotidiana, o calendário é sobretudo, um objeto social”. (Jacques Le Goff. “Calendário”. *História e memória*. 3ª edição, UNICAMP, 1994, p. 485.)

No texto acima, o historiador francês Jacques Le Goff estabelece uma clara relação entre a história do calendário e o tempo histórico. A partir das ideias desse historiador e por seus conhecimentos históricos, é correto afirmar que o calendário é um objeto social de medição temporal, porque as sociedades humanas são

- (A) laicas e, assim, percebem o calendário como mecanismo científico de contagem temporal, tal como consta em instrumentos criados pelo homem como relógios ou calendários de papel ou digitais.
- (B) religiosas e entendem as marcações temporais como fruto de suas crenças e religiosidades. Desta forma, o calendário é uma maneira mística de interpretação social.
- (C) laicas e religiosas, independentemente do tempo histórico. O calendário é percebido pelos homens de hoje e do passado tanto pelo olhar dos religiosos como pelo dos cientistas e suas invenções como o relógio e o calendário.
- (D) laicas e religiosas, sabendo-se que cada sociedade historicamente constrói e intercambia essas relações, ora com a ciência e a astronomia, ora com as religiões e as crenças, sendo o calendário, tanto objeto religioso como objeto social.
- (E) laicas nos dias de hoje (marcadamente científico e explicado pelo tempo social) e religiosas nos tempos antigos e na Idade Média, quando os homens liam os calendários sem compreendê-los socialmente.

12 Leia atentamente o trecho abaixo onde Georges Duby analisa algumas alterações feitas por Lucien Febvre na *Revista dos Annales* após 1945.

“Lucien Febvre tinha a convicção de que a economia não explica sozinha as estruturas e a evolução de um grupo social. Essa convicção incitou-o a dar um novo nome à revista: *Annales Économies Sociétés, Civilisations*. A economia continuava à frente, mas o social instalava-se no cerne do projeto, em posição de comando, e o lugar que lhe havia atribuído pelos fundadores em 1929, complementar, e não acessório, pelo contrário, aberto para o futuro da pesquisa, incumbida agora às “civilizações”, ou seja, ao que hoje denominamos de cultura”. (Georges Duby. *A história continua*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1993, p. 87).

Pela leitura do trecho da obra de Georges Duby e por seus conhecimentos sobre a Escola dos *Annales* é correto afirmar que as alterações empreendidas por Lucien Febvre apontavam para a valorização da história que

- (A) associava a economia com os estudos sociais e políticos, enfatizando mais os estudos econômicos que estudassem a cultura das civilizações controladas em 1945 pelo caráter imperialista francês na Ásia e África.
- (B) descartava os estudos econômicos e valorizava a cultura e a civilização em clara guerra contra a história positivista que usava o econômico para justificar posições imperialistas europeias.
- (C) associava os estudos econômicos com os estudos sociais e culturais (civilizacionais) para promover a construção de uma história mais ampla e humanista, conhecida como “história total”.
- (D) juntava os estudos econômicos com os estudos sociais e os da civilização para promover a reunião de ideias marxistas de lutas de classes e levar o povo francês a reconhecer a necessidade de transformações sociais de base.
- (E) descartava a história cultural e valorizava a história social e a história econômica para empreender uma transformação social necessária para a reconstrução da sociedade francesa depois do fim da Segunda Guerra Mundial (1945).



13 Ainda durante a Idade Média surgiram as primeiras universidades. Contudo a vida feudal (altamente clerical e monástica) impunha problemas a essa novidade. Segundo historiadores como Jacques Le Goff, “já no século XII” alguns “mestres e clérigos” haviam conseguido autorização de seus bispos para ministrarem ensino “fora do contexto monástico, episcopal, nas cidades”. Homens como São Bernardo eram contra a nova prática de ensino e chamavam esses novos docentes de “vendedores de palavras” em uma atividade “sacrílega”. Os novos professores seriam “vendedores de ciências que só a Deus” pertenceria. (Texto adaptado de Jacques Le Goff. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 200).

A partir da ideia exposta acima, é correto afirmar que o nascimento das Universidades – ainda durante a Idade Média europeia – explica-se, sobretudo, porque os maiores agentes das relações de poder naquela sociedade, os bispos católicos:

- (A) apoiaram a criação de um saber universitário, autônomo e leigo, feito em grandes centros urbanos e cidades, independentemente da supervisão da Igreja. Os bispos católicos entendiam que havia local para todos esses saberes na Idade Média, de caráter centralizado e democrático.
- (B) viveram mudanças e conflitos com o nascimento de cidades e burgos. A Igreja teve que ceder espaços aos novos intelectuais e as universidades, mas muitos bispos e homens, como S. Bernardo, criticaram e limitaram essas inovações.
- (C) rejeitaram as novas universidades, pois entendiam que elas afrontavam seu domínio. Os bispos controlavam os novos intelectuais, ora trazendo-os para suas escolas, ora os excomungando e levando-os para o tribunal da inquisição.
- (D) jogaram politicamente com a questão, primeiramente permitindo a abertura destas novas instituições, e em seguida proibindo seu funcionamento prático, excomungando professores e reitores. Assim, nasceu a Reforma religiosa.
- (E) permitiam essa nova criação universitária, mas os bispos eram a minoria no seio da igreja. A maioria dos clérigos fez como São Bernardo e assim as universidades só foram se desenvolver na Idade Contemporânea.

14 Observe o trecho do texto abaixo e responda à questão proposta.

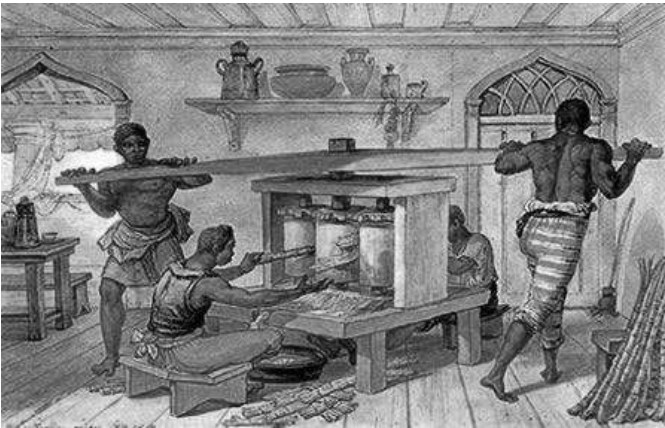
“Potência é a medida em **watts (em homenagem a James Watt)** (...) James Watt [o inventor da máquina a vapor que viveu na Inglaterra do final do século 18] introduziu o **hp (horsepower)** como unidade mecânica de potência. Embora o **cavalo-vapor [horsepower]** seja uma unidade de potência antiga, ela ainda é usada atualmente”. (MULLET, Nilton & PEREIRA, Ilton. *Análise de circuitos elétricos com aplicações*. Porto Alegre: AMGH editora, 2014, p. 45.)

O texto acima descreve o nascimento de um termo técnico (**HP**, ou **horsepower**) nascido no final do século 18. Esse nascimento pode ser corretamente contextualizado na Inglaterra dentro do processo de

- (A) Revolução Inglesa, quando destronou o rei e pôs no poder Oliver Cromwell, o qual incentivou o desenvolvimento industrial com a valorização de inventores como Watts e de invenções que relacionavam o valor dos animais (cavalo) para o desenvolvimento industrial.
- (B) Revolução Industrial, quando a Inglaterra liderou um processo de profundas transformações nas relações de produção, as quais passaram a ser organizadas e ritmadas por máquinas, e não mais por tração animal (força motriz animal)
- (C) Revolução Britânica a partir da qual o governo centralizou o poder nas mãos de uma monarquia constitucional que organizou a nação inglesa e a colocou no rumo da industrialização e da valorização dos cavalos como força motriz do novo desenvolvimento.
- (D) Revolução Industrial nascida na Inglaterra e que se espalhou pelo país de Gales até chegar à Escócia, país natal de Watts. Ali, a Revolução se consolidou e seus principais inventores criaram a moderna maquinaria e destruíram a força motriz animal, substituindo-a pelo motor a vapor.
- (E) Revolução social industrial inglesa, a partir da qual homens como James Watts receberam estudos em universidades como Cambridge ou Oxford para tentar melhorar a produção industrial e criar máquinas como a máquina a vapor para erradicar o uso de animais nas modernas fábricas que nasciam.



- 15** Observe atentamente as duas imagens abaixo e responda à questão proposta sobre as relações de trabalho e a escravidão de origem africana no Brasil colonial.



“Pequena moenda portátil”. Jean Batiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p.243.



“Negros vendedores de aves”. Jean Batiste Debret. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987, p. 198.

As imagens anteriores foram feitas por um pintor viajante francês que esteve no Rio de Janeiro entre 1808 e 1821. Nelas, percebem-se diferentes relações de trabalho comuns aos escravos de origem africana no Brasil colonial. As duas imagens caracterizam, respectivamente, a escravidão

- (A)** urbana e rural, ambas marcadas pelo estreito controle senhorial que sempre estava à espreita, vigiando pessoalmente seus escravos ou fazendo esse controle através de feitores e de capitães do mato. No mundo urbano, o senhor poderia até fiscalizar seus escravos por meio de espões, os quais, em geral, eram negros libertos.
- (B)** rural e urbana, a primeira marcada pelo uso de tecnologias portáteis, como a moenda industrial e avançada em termos tecnológicos; e a segunda ainda muito artesanal com a venda de aves sem serem abatidas, feita por negros recém-chegados da África e sem treinamento para trabalharem na lavoura canavieira.
- (C)** rural e urbana, a primeira definida pelo trabalho direto no processo produtivo (lavoura canavieira, por exemplo), demarcada pelo controle próximo do trabalho; e a segunda pela escravidão de ganho, pela qual o escravo prestava contas ao senhor periodicamente, mas podia circular mais autonomamente pelas cidades.
- (D)** urbana e rural, quando ambas pensavam o escravo como uma mercadoria. Havia – tanto nas cidades como no mundo rural – uma sociedade dividida em castas, a partir das quais os negros eram segregados e não moravam nem circulavam nos mesmos espaços dos homens livres e brancos.
- (E)** rural e urbana, sendo que a rural era vivida por negros escravos, dentro do trabalho conduzido e organizado por feitores e senhores. Já no mundo urbano, os negros que circulavam eram libertos uma vez que era quase impossível controlar sua circulação pelas ruas das cidades.



16 Leia atentamente o trecho abaixo sobre as leis de abolição do trabalho escravo entre os indígenas no Brasil e responda à questão proposta.

“Alguns sites apresentam o dia 1º de abril de 1680 como o dia da abolição da escravidão indígena. Nesta data, o rei de Portugal publicou mais uma lei que acabava com o cativo dos índios no Brasil. Para o professor José Ribamar Bessa Freire, a lei foi mais uma “pegadinha” de 1º de abril. Bessa explicou que o texto da lei proibia a escravização de novos índios, mas não libertava os cativos adquiridos antes de sua promulgação. O professor explicou que as idas e vindas da legislação, ao longo de todo século XVII, resultaram da luta entre jesuítas e colonos pelo controle da mão-de-obra indígena. Tampouco a legislação criada no século XVIII pelo Marques de Pombal foi movida por razões humanitárias. Para Bessa as reais motivações do controverso marquês, ao aprovar uma lei que libertava e igualava os índios aos portugueses, era angariar a simpatia das populações nativas da Bacia Amazônica em razão da assinatura, em 1750, do Tratado de Madri, que revogou Tordesilhas (1494). (Leonardo Soares Quirino da Silva. “Abolição da Escravidão Indígena: 1680 ou 1755?”. Dados retirados do site

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0036.html> Acessado em 12/06/2014).

O trabalho escravo de origem indígena no Brasil foi legalmente abolido no contexto da (as)

- (A) reformas pombalinas e devido às pressões internacionais pelo Tratado de Madri. As tentativas anteriores terminavam com a escravização e foram derrubadas na prática pelas pressões de jesuítas e pelos colonos no uso dessa mão de obra.
- (B) lei de 1680, que aboliu a escravidão e abriu caminho para a definitiva liberdade do trabalho escravo indígena, concluída com a legislação pombalina devido à demora nos trâmites legais e às pressões escravocratas dos jesuítas.
- (C) norma legal pombalina, quando se decretou que todos os indígenas seriam cidadãos livres, desde que falantes do português e moradores em regiões de fronteira. Assim, tratava-se de uma liberdade parcial. A liberdade total só veio em 1888 com a Lei Áurea.
- (D) reformas pombalinas conhecidas por “diretório”. Nele, os povos indígenas foram libertos, mas eram entregues aos jesuítas e ficavam sob sua tutela, o que limitava essa liberdade efetivada de fato com a expulsão dos jesuítas no final do século XVIII.
- (E) leis de 1680 e das reformas pombalinas. No primeiro momento, os filhos de escravos indígenas foram libertados e no segundo foi proibido o comércio (tráfico) de escravos indígenas, o que acabou, de fato, com esse tipo de escravidão.

17 Podemos perceber que no final do século XIX a instituição escravista parecia ser uma “anomalia”. O começo das críticas sobre a escravidão teve início em meados do século XIX, com as pressões internacionais em relação ao tráfico negreiro, depois vieram várias leis: a do Ventre Livre, a dos Sexagenários e a da extinção do tráfico interno. Simultaneamente formaram-se ligas emancipacionistas e abolicionistas e o processo de abolição em si. Na província do Grão-Pará, especificamente em Belém esse movimento esteve dentro de um raio de ação que contagiou todo o Império Brasileiro. A partir de 1887 e 1888 encontramos um forte movimento pró-libertação dos escravos contagiados pelo ressurgimento do movimento de abolição irrestrita e incondicional que reacendera entre 1883 e 84 na capital do império e na província do Ceará. (Texto adaptado de Carlos Denizar de Souza Machado. Festas de Abolição da Escravidão na província do Grão Pará. Revista História e história. Grupo de pesquisa de arqueologia histórica da UNICAMP, 2010.

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=119> Acessado em 25/06/2014)

O trecho acima analisa o processo abolicionista no Brasil e no Pará dos anos finais do século XIX. Esse processo caracteriza-se, principalmente, por ter bases e lideranças formadas por

- (A) escravos e pequenas lideranças vindas do mundo da escravidão e formadas por libertos nas bases. As posições de comando eram formadas por profissionais liberais e abolicionistas estrangeiros, principalmente ingleses.
- (B) profissionais urbanos (jornalistas, advogados, comerciantes) que formavam suas bases e políticos, literatos e grandes jornalistas eram seus líderes. Tratava-se de um movimento que, majoritariamente, temia a participação direta dos escravos.
- (C) escravos aquilombados e libertos formavam a sua base, que era mais radical. Já as lideranças eram mais políticas e se constituíam de homens de Estado e políticos mais avançados, embora ainda liberais em suas ações e ideário.
- (D) libertos e trabalhadores urbanos livres e pobres formavam a base do movimento. Já os líderes sindicais e de representação de classe construíam suas principais lideranças numa conexão entre abolicionismo e movimento operário.
- (E) libertos e africanos livres construíam a base do movimento, sendo suas lideranças formadas por advogados e literatos como Joaquim Nabuco e Luiz Gama, que fizeram a ligação entre abolicionismo no Brasil e na África.



18 Leia o trecho do texto abaixo e responda à questão sobre a vida e o trabalho no seringal da Amazônia no final do século XIX.

“A Belém de outrora, da *Belle Époque* – aquela que habita nossos sonhos dourados, foi majoritariamente financiada pela goma elástica saída dos seringais. Quase quarenta anos após desse período áureo da borracha, um artista único traduziu a dinâmica dos trabalhadores que faziam da extração do látex seus ofícios, enriquecendo seus senhores e a cidade. Cândido Portinari recebeu do Banco de Crédito da Borracha (atual Basa) a encomenda de fazer um mural com essa temática. “Portinari ficou conhecido como um pintor social, pois levou os trabalhadores e suas duras vidas para as telas e obras. O teatro da vida é sempre mais colorido, misturando trabalho, natureza e arte”, esclarece o curador da exposição, o historiador Aldrin Figueiredo. De acordo com ele, “é pelo traço único de Portinari que passamos em revista a narrativa visual do passado no presente”. (Lorenna Montenegro. “O seringal em pinceladas”. Retirado do site: http://www.lealmoreira.com.br/conteudo/o_seringal_em_pinceladas_em_10/06/2014).

Pelo trecho acima e pela descrição da representação presente na pintura de Portinari sobre a borracha na Amazônia, percebe-se que a vida no seringal caracterizava-se pelo trabalho

- (A)** exaustivo e repetitivo, marcado pelo ritmo da indústria gomífera taylorista que dizimava a natureza amazônica e explorava seus muitos e diferentes trabalhadores, marcados pelos negros africanos (escravos e libertos), por migrantes do nordeste brasileiro e por imigrantes europeus.
- (B)** que misturava a dureza da exploração na extração do látex e sua cadeia de endividamento, mas também continha as cores e a arte de formação de um povo rico em cultura, sobretudo pela majoritária presença de imigrantes europeus, a base deste povo amazônico.
- (C)** rico e diverso que, apesar da exploração e do endividamento do trabalhador seringueiro, foi possível criar uma sociedade multicolorida, numa mistura de etnias (nordestinos, imigrantes e povos locais) com a natureza e com a diversidade cultural.
- (D)** dinâmico, que sustentava o enriquecimento dos seringalistas nas grandes cidades amazônicas da Belle Époque e seus “sonhos dourados” e coloridos de modernização dos seringais.
- (E)** multifacetado em sua formação étnica e cultural dentro dos seringais, formados por senhores, escravos (negros e indígenas) e muitos nordestinos libertos e migrantes que vinham para a Amazônia fugindo da seca.



19 Observe atentamente a imagem abaixo e responda à questão proposta.



Latuff cartoons. Acessado em 20/06/2014 <http://latuffcartoons.wordpress.com/tag/lei-de-anistia/>

Em 2014, o cartunista Latuff faz uma sátira crítica à lei que, em 1979, ficou conhecida no Brasil como lei da anistia política. O que essa lei trazia e que se traduz na principal motivação para a crítica atual é a

- (A) limitação da lei à liberdade concedida aos presos políticos, mas não se previa o julgamento dos crimes de tortura cometidos pelos líderes da repressão, que ainda hoje se apoiam nessa lei e ficam impunes à justiça.
- (B) presença de líderes da repressão (em especiais os antigos generais militares) nos julgamentos de crimes políticos. Por essa cláusula da lei, os antigos repressores manipularam a justiça e se mantiveram sem julgamentos justos e isentos.
- (C) diminuta participação da sociedade na formulação da lista dos repressores a serem julgados. Como a lei da anistia previa que quem definiria esses nomes eram os membros militares do governo de transição, não houve justiça.
- (D) pouca eficácia da lei para julgar crimes políticos. A ampla lei de 1979 anistiou os exilados, os guerrilheiros presos, os indiciados e os condenados políticos, bem como os torturadores. Ao anistia-los, a lei deixou impunes crimes cometidos dos dois lados.
- (E) limitação da lei que somente punia e criminalizava a tortura que tivesse sido comprovada por documentos ou por indícios dos corpos de delito. Como os próprios militares queimaram ou destruíram as provas, eles ficaram impunes.



20 Observe o *cartoon* abaixo e responda à questão proposta.



Rodrigo. Capital de risco http://humorgrafe.blogspot.com.br/2009_11_08_archive.html Acessado em 20/06/2014.

Em 2009, o cartunista Rodrigo fez uma crítica a um episódio ocorrido havia vinte anos em Berlim: a queda do muro que separava a Alemanha Oriental da Ocidental. Sobre esse *cartoon* e com base em seus conhecimentos sobre o episódio de 1989, é correto afirmar que o muro foi derrubado e isso significou o

- (A) fim da Guerra Fria, com a tomada capitalista e a derrocada final do socialismo no mundo oriental além do triunfo da economia liberal e de mercado livre e democrático no mundo ocidental desde 1989 até hoje, como bem demonstra o *cartoon*.
- (B) marco final da Guerra Fria e a exposição do socialismo ao capitalismo o qual, como uma bola de golfe, engoliu a economia socialista e seu modo de organizar a sociedade, mostrando sua agilidade, força e autoritarismo antidemocrático.
- (C) momento final da Guerra Fria, com a invasão capitalista no Oriente socialista. Contudo, o *cartoon* demonstra que o capitalismo triunfante em 1989, 20 anos depois, parece estar prestes a ser engolido também, pelo “buraco” da crise.
- (D) fim do bloco comunista, que foi derrotado belicamente com uma guerra representada no *cartoon* por uma bola de canhão atirada pelos EUA no muro de Berlim em 1989 e engolida pelos soviéticos na Alemanha Oriental
- (E) extermínio político e econômico da antiga Alemanha Oriental, que foi invadida e engolida pelo capitalismo norte-americano e ocidental que destruiu sua cultura e modo de vida de forma autoritária e antidemocrática.

GEOGRAFIA

21 A visão individualista que isola as áreas do conhecimento deu origem a códigos de linguagem, teorias e procedimento para cada campo específico do conhecimento, que fortalecem, em lugar de destruir, as barreiras existentes entre as especialidades e os especialistas que as desenvolvem. Em outras palavras, as questões relativas ao ambiente - do passado e do presente - demandam uma reorganização da divisão do trabalho científico que se reflete, por exemplo, na atual preocupação com aproximações inter-trans-multidisciplinares.

COLTRINARI, Lilian- A Geografia Física e as Mudanças Ambientais. In: *Novos Caminhos da Geografia*- Fani A. Carlos (Org), Ed. Contexto, 2001. p. 3. (recorte adaptado)

A reflexão que faz a autora a respeito da visão atual da Ciência, incluindo a geográfica, mostra no seu texto, uma preocupação em

- (A) enfatizar a verticalização das pesquisas científicas.
- (B) priorizar a integração de métodos e técnicas das diversas ciências, para análise dos fenômenos.
- (C) desenvolver tecnologias que incorporem saberes locais e globais.
- (D) revigorizar paradigmas construídos pelas diversas áreas.
- (E) difundir a corrente catastrofista entre os atuais pesquisadores.



22 O fundo holista comum, que Ritter e Humboldt captam do pensamento iluminista, é a ideia da natureza como uma essência interior de todas as coisas. Distinguem-se, então, a natureza como essência comum a todas as coisas e as coisas como as formas concretas dessa natureza. Há uma natureza humana - como há das plantas, dos animais, das rochas ou das chuvas- uma natureza como imanência substancial, e as coisas por meio das quais se expressa essa natureza à nossa percepção, na forma material dos homens, plantas, animais, rochas, rios ou chuva.

MOREIRA, R.- Para onde vai o pensamento geográfico. Ed. Contexto. São Paulo, 2006. p. 22.

Nesse contexto, Ritter e Humboldt têm pontos em comum e outros que os separam. Para Ritter,

- (A) a análise do fenômeno inicia-se pelo nível topológico, estendendo-se ao contexto zonal.
- (B) o estudo da Terra deve ser realizado sob o ponto de vista antropocêntrico.
- (C) a relação do homem com a natureza reflete uma relação de causalidade.
- (D) a integração das esferas inorgânicas é essencial para o estudo da diferenciação das áreas.
- (E) os estudos da base natural são essenciais para a perspectiva corológica.

23 As Reservas Extrativistas (Resexs), principal contribuição do Brasil para a construção de novas categorias de unidades de conservação, surgiram em 1987- a partir da Portaria nº 627/ INCRA, de 30 de julho de 1987. Acreditava-se que as Resexs viabilizariam o desenvolvimento de atividades econômicas extrativas sustentáveis pelas comunidades locais. Além de ganhar o direito ao usufruto da terra.

VILLARROEL. L.C.L.- A evolução da Política de Criação das Unidades de Conservação no Estado do Amazonas no período de 1995 a 2010. Dissertação de Mestrado. CDS Brasília, 2012.

A criação do modelo de Unidade de Conservação citado, na região Amazônica, teve a função de

- (A) combater os processos irregulares de acesso à terra pelos migrantes de outras regiões.
- (B) estender os aspectos positivos do agronegócio para as populações tradicionais.
- (C) ampliar a renda dos madeireiros, com o aumento da exportação dos recursos da floresta.
- (D) reconhecer, no Estado, o representante legal das populações nos processos decisórios da unidade.
- (E) mitigar as questões agrárias e ambientais que envolvem as populações locais da região.

24 Os geógrafos alemães e seu conceito de *Landschaft* e a abordagem possibilista dos geógrafos franceses serviram como inspiração para um levantamento do uso da terra que Sauer teve que realizar naquelas áreas do Estado de Michigan as quais haviam sido desmatadas durante o auge das atividades madeireiras do final do século XIX.

MATHEWSON, K. & SEEMANN, J. A Geografia Histórico-Cultural da Escola de Berkeley, Vaira História, Belo Horizonte, vol 24-25. Jan-jun 2008 p.- 71 a 85.

Carl Sauer, geógrafo norte-americano, representante da geografia cultural, que viveu entre o final do século XIX e século XX herdou das duas escolas europeias apresentadas no texto a defesa da perspectiva

- (A) determinista ambiental, segundo a qual as diferenciações climáticas são responsáveis pela diversidade da paisagem regional daquele país.
- (B) histórico-cultural, explicando que as ações humanas são o fator de maior contribuição para a produção e a transformação da paisagem.
- (C) geossistêmica, pela qual os fenômenos fatos atuais explicam as fisionomia e as modificações no meio ambiente e no uso da terra.
- (D) socioambiental, justificando que a dinâmica ecossistêmica influencia na organização da sociedade.
- (E) ecológica-humana, tratando os diferentes tipos de classes sociais de forma orgânica e integrada.



25 Estamos, efetivamente, na presença de um fator geográfico que não sabemos apreciar o valor ou, pelo menos, que não estudamos o funcionamento, sem dúvida pela ausência de termos de comparação em quantidade suficiente. Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz presente sobre o seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde o início das civilizações essa ação não foi negligenciável.

LA BLACHE, P.V. Geografia Geral: Os Gêneros de Vida na Geografia, Coleção Nossos Clássicos: Paul Vidal de La Blache, GEOgraphia, ano 7 nº 13, 2005.

A construção do conceito apresentado por La Blache representa a

- (A) influência determinista na consolidação de uma identidade nacional.
- (B) adoção do conceito de paisagem como categoria fundamental na análise geográfica.
- (C) materialidade dos fenômenos naturais sobre a dimensão cultural local.
- (D) legitimação do trabalho da mulher na exploração dos recursos da natureza.
- (E) valorização do estudo das civilizações a partir da combinação da Geografia Física a Humana.

26 Mesmo tendo suas origens, enquanto conhecimento científico, entre os naturalistas dos séculos XVIII e XIX, foi sem dúvida no século XIX que se deu realmente a concretização da Geografia Física enquanto ramo específico de estudo da ciência geográfica.

MENDONÇA, F.. Geografia Física, Ciência Humana? São Paulo, ed. Contexto, 1989. p. 30. (recorte adaptado)

Dentro do contexto do processo da institucionalização dos campos da disciplina como ciência, o texto faz referência ao período marcado pela Geografia

- (A) ecológica.
- (B) determinista.
- (C) regional.
- (D) geossistêmica.
- (E) dialética marxista.

27 Entre 1968-74, o Estado brasileiro implantou a malha técnico-política na Amazônia, visando completar a apropriação física e controlar o território por meio de uma poderosa estratégia.

BECKER, B. & STENNER, C. Um futuro para a Amazônia. São Paulo, Oficina de textos, 2008, p. 24

A estratégia a qual se refere o autor é?

- (A) investimento em redes de circulação rodoviária
- (B) restrição à migração externa
- (C) ampliação do cultivo de grãos
- (D) implantação das indústrias de biocombustível
- (E) privatização de terras públicas em privadas

28 É lamentável que não se tenha consciência sobre os destinos da Amazônia. Cabe à nossa geração- ao início do século XXI – exigir gerenciamento mais correto e inteligente para garantir a preservação das biodiversidades e a sobrevivência dos homens e da sociedade no grande Norte Brasileiro.

AB'SABER. A. N. – Escritos Ecológicos- São Paulo, Lazuli Ed. 2006. p. 138

Relacionando o posicionamento do autor às políticas ambientais contemporâneas para a Amazônia, conclui-se que é necessário

- (A) identificar espécies de fauna e a flora
- (B) importar as tecnologias estrangeiras
- (C) ampliar os centros de pesquisas
- (D) incorporar os modos de vida regional
- (E) aumentar as áreas de proteção integral



29 Observe as seguintes imagens:



Fonte: <http://www.diarioliberalidade.org/brasil/consumo-e-meio-natural/38396-organiza%C3%A7%C3%A3o-ruralista-funciona-e-plantio-de-cana-na-amaz%C3%B4nia-%C3%A9-aprovado.html>. acessado em 21 de junho de 2014

Fonte: <http://www.lucioflaviopinto.com.br/?p=70> acessado em 21 de junho de 2014

Na Amazônia do século XX, as políticas públicas para o desenvolvimento regional, como apresentadas nas figuras, evidenciam (o)a

- (A) convergência de interesses entre os diferentes segmentos sociais.
- (B) incentivo à produção de energia limpa para as populações locais.
- (C) ampliação das áreas de reforma agrária para agricultura familiar.
- (D) embate entre o grande capital e os movimentos sociais.
- (E) indignação da população pela ocupação de suas terras.



30 Observe a imagem abaixo e leia o Texto para responder a questão



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-2IHRcoj-x74/UlacuT7VHkI/AAAAAAAAANw/3JfVgmmqe1Q/s1600/cirio-de-nazare.jpeg>, acesso em 21 de junho de 2013.

TEXTO

Territórios religiosos são definidos como espaços qualitativamente fortes, compostos por fixos e fluxos, e possuidores de funções espaciais que constituem os meios por intermédio dos quais o território realiza efetivamente os papéis a ele atribuídos pelo agente social que o criou e controla.

Fonte: ROSENDAHL, Z- O Sagrado e sua Dimensão espacial. In: Olhares Geográficos, Modos de Viver e Pensar o Espaço. Iná de Castro, Paulo Gomes, Roberto Corrêa (ORGs). Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2012, p.87.

Analinsando a imagem a partir da concepção apresentada do texto, observa-se que a dimensão territorial do sagrado é observado

- (A) na crença, na identidade e no contexto geográfico que participam ativamente na definição e na redefinição dos espaços.
- (B) nos objetos religiosos pouco modificados ao longo do tempo e do espaço, permitindo a perpetuação das cerimônias dos devotos.
- (C) no ritual e nas simbologias presentes nas práticas religiosas que se destoam das práticas atuais e identitárias.
- (D) na trilha realizada nas manifestações religiosas que, ao ocupar os espaços urbanos, mantém preservadas as funções dos objetos nele contidos.
- (E) na procissão, no percurso estritamente religioso e segregado espacialmente, realizado por um seletor grupo de devotos.

MATEMÁTICA

31 O máximo domínio real de definição da função

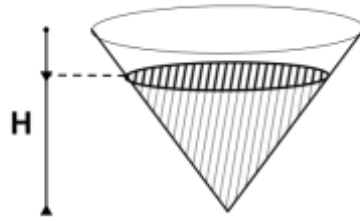
$$f(x) = \sqrt{\frac{2x - 6}{-3x + 15}}$$

é o conjunto

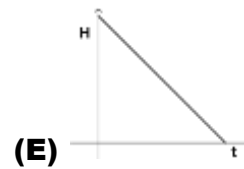
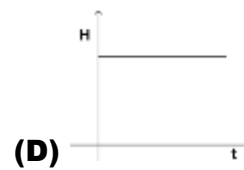
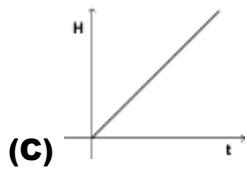
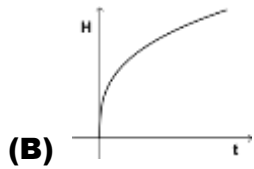
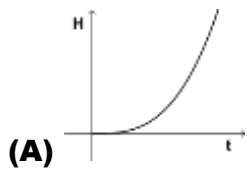
- (A) $\{x \in \mathbb{R} : x \leq 5\}$
- (B) $\{x \in \mathbb{R} : x \geq 3\}$
- (C) $\{x \in \mathbb{R} : 3 \leq x \leq 5\}$
- (D) $\{x \in \mathbb{R} : 3 \leq x < 5\}$
- (E) $\{x \in \mathbb{R} : x \geq 5\}$



32 Uma torneira enche um tanque que possui forma de cone circular reto, conforme a figura abaixo, a uma **vazão constante**.



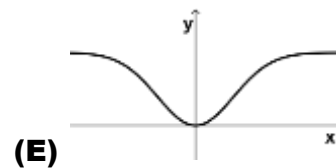
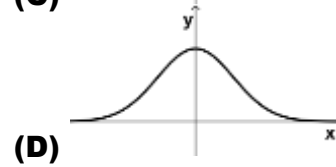
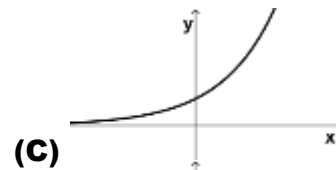
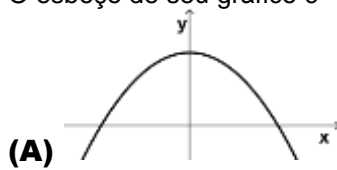
O gráfico que descreve a **altura da coluna de água H** em função do **tempo t** decorrido é



33 Considere a função

$$y = e^{1-x^2}$$

O esboço de seu gráfico é





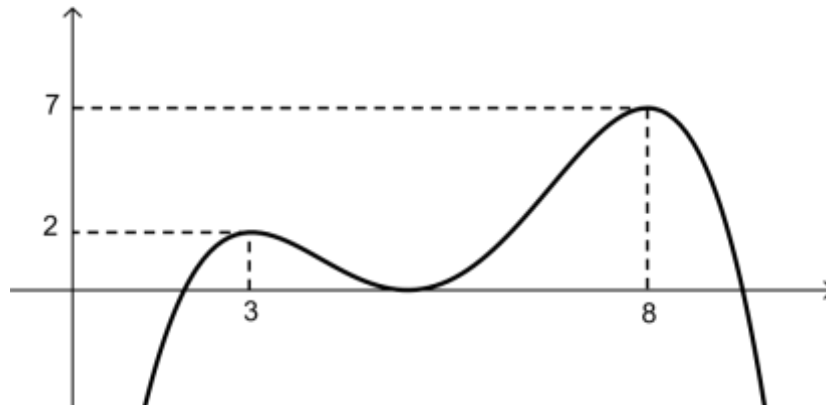
34 O comportamento do preço p de determinado produto, em função do tempo t , pode ser modelado pela função

$$p(t) = -2t^2 + 12t + 50,$$

Onde t é dado em meses e p é dado em reais. O preço máximo atingido pelo produto é

- (A) R\$ 12,00
- (B) R\$ 50,00
- (C) R\$ 68,00
- (D) R\$ 72,00
- (E) R\$ 100,00

35 A figura abaixo representa o gráfico de uma função real $y = f(x)$.



O número de soluções reais da equação $f(x) = 6$ é

- (A) 0
- (B) 1
- (C) 2
- (D) 4
- (E) 6

36 Acerca do limite

$$\lim_{x \rightarrow 3} \frac{x^2 - 8x + 15}{x - 3}$$

é correto afirmar que

- (A) é igual a -2.
- (B) é igual a 0.
- (C) é igual a 3.
- (D) é infinito.
- (E) não existe.



37 A derivada da função

é a função

$$f(x) = x^2 \cos x$$

- (A) $f(x) = -2x \sin x$
- (B) $f(x) = 2x \cos x$
- (C) $f(x) = x^2 \sin x$
- (D) $f(x) = 2x \cos x - 2x \sin x$
- (E) $f(x) = 2x \cos x - x^2 \sin x$

38 A equação da reta tangente ao gráfico da função

$$f(x) = x^4 - 4x^2 + 6x + 10$$

no ponto de abscissa $x = 1$ é

- (A) $y = 2x + 11$
- (B) $y = x + 10$
- (C) $y = x + 13$
- (D) $y = 4x + 13$
- (E) $y = 6x + 10$

39 Para nadar certa distância fixada, uma espécie de peixe dispende energia E (dada em Joules), dada pela função

$$E(v) = \frac{5v^3}{v-1},$$

em que v ($v > 1$) é a velocidade média do peixe (dada em cm/s). A **velocidade** que **minimiza a energia dispendida** por essa espécie de peixe, para percorrer a distância, é

- (A) 1,1 cm/s.
- (B) 1,2 cm/s.
- (C) 1,4 cm/s.
- (D) 1,5 cm/s.
- (E) 1,6 cm/s.

40 O valor numérico da integral

$$\int_0^3 (x^2 - 4x + 2) dx$$

é igual a

- (A) -5
- (B) -3
- (C) 0
- (D) 3
- (E) 5